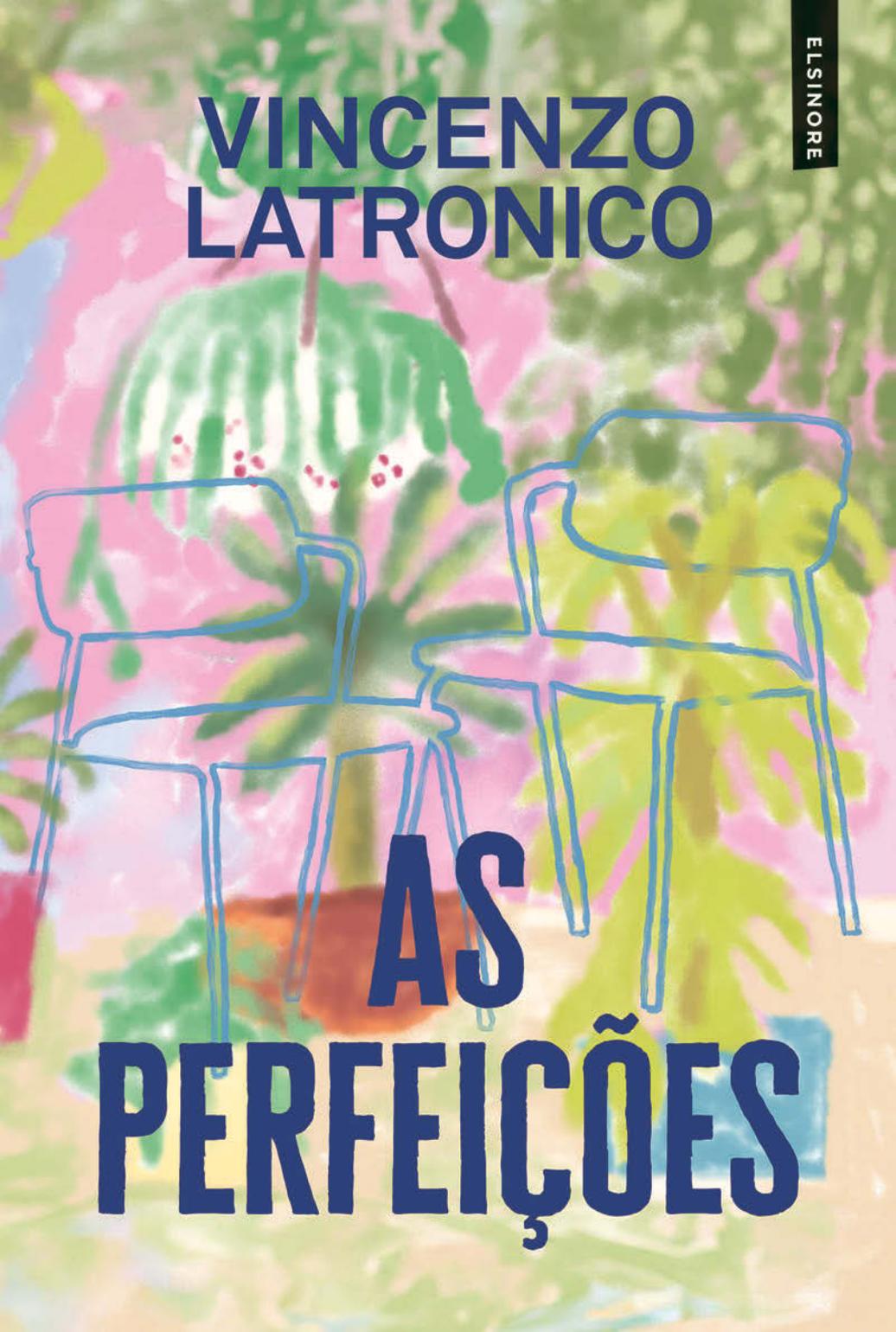


ELSINORE

VINCENZO
LATRONICO

The book cover features a vibrant, abstract background with splashes of green, pink, yellow, and blue. In the center, two chairs are depicted with simple blue line art. The chair on the left is a modern-style chair with a curved back and armrests. The chair on the right is a more traditional-style chair with a high back and a decorative top rail. The overall aesthetic is contemporary and artistic.

AS
PERFEIÇÕES

Para Alma

*Era ali que estava a vida verdadeira,
a vida que queriam conhecer, que queriam ter.*

GEORGES PEREC, *As Coisas*

PRESENTE

A luz do sol derrama-se na divisão através da janela saliente, tingindo de esmeralda as folhas perfuradas de uma costela-de-adão vasta como uma nuvem, vai refletir-se no chão de tábuas largas da cor do mel. Os caules tocam ao de leve no encosto de um cadeirão de estilo escandinavo, no qual está pousada uma revista aberta com a lombada virada para cima. O verde resplandecente da planta, o vermelho da capa, o petróleo do estofado e o ocre claro do chão sobressaem perante o branco poeirento das paredes, convocado por um canto de tapete claro que se desvanece nas margens da imagem.

Na seguinte vê-se o edifício por fora, um prédio *art nouveau* com folhas de acanto e citrinos de cimento nas cornijas. O branco da fachada mal transparece sob uma estratificação de grafitos fluorescentes, pedaços de cartazes, pintura a pelar; os tímpanos estucados do andar nobre quase não se distinguem sob a crosta de sujidade. O luxo do dealbar do século xx e a imundície áspera da contemporaneidade entrelaçam-se num ambiente livre e decadente, com um toque de erotismo. Há duas janelas fechadas com tábuas de contraplacado descolorido, mas distinguem-se plantas e grinaldas de luzes por detrás das outras. De uma varanda, cachoa sobre o passeio uma cascata de hera.

A cozinha tem azulejos em relevo brilhantes, retangulares; a prateleira de madeira grossa; o lava-louça à inglesa de cerâmica saliente; os armários de parede abertos com os frascos

de farmácia com o arroz e os cereais e as especiarias e o café; os pratos de esmalte azuis e brancos; o varão com panelas de ferro fundido e colheres de pau de oliveira lá penduradas. Na bancada está a chaleira de aço escovado e o bule japonês, o liquidificador vermelho. Há vasilhinhos de barro com os cheiros no peitoril da janela, manjerição e hortelã e cebolinho, além de segurelha, manjerona, coentros, endro. A mesa é uma antiga masseira de mármore, as cadeiras foram recuperadas de uma escola. A iluminá-la está um candeeiro extensível, preso à parede entre a litografia botânica de uma araucária e a réplica de um cartaz britânico dos tempos da guerra.

Em seguida a sala de estar, viçosa de plantas fáceis e hipertróficas, entregues aos cuidados do nicho envidraçado da janela saliente: a costela-de-adão luxuriante a debruçar as folhas luzidias para o exterior; uma figueira-lira a crescer em altura de um grande vaso de cimento; duas prateleiras cheias de heras para interiores e peperómias suspensas, colares-de-pérolas e plantas-chinesas-do-dinheiro, cujas cabeleiras entrelaçadas pendem até ao soalho. A um canto, por cima de um sortido de banquinhos e caixas tombadas, está uma pequena floresta de alocásias, eufórbias gigantes, figueiras-benjamim e filodendros de hastes peluginosas, estrelicias e *Dieffenbachia*. Para lá do vidro da janela até ao chão entrevê-se uma varanda com duas cadeiras e uma mesinha com um cinzeiro de porcelana, um fio de lâmpadas.

Da perspetiva oposta capta-se o resto da sala de estar: um sofá baixo e um cadeirão dinamarquês — mogno arredondado, algodão cru cor de petróleo; uma manta de *tweed* com motivo espinha de peixe; um cabo elétrico de tecido azul-noite com uma lâmpada de filamento intrincado; pilhas de números

antigos da *Monocle* e da *New Yorker* em cima de uma mesinha de metal preto, onde também está um castiçal de latão e uma taça de vidro cheia de frutos. Depois, um móvel de persiana encimado por chantas de vidro, plantas-aranhas e um caroço de abacate já germinado; um gira-discos analógico; duas colunas de chão ligadas a um amplificador a válvulas posto em cima de uma consola baixa; mais acima, uma coleção de LP com alguns elementos valiosos expostos de frente — uma edição limitada de *In Rainbows*, um original dos Kraftwerk. Uma dracena a projetar uma sombra em forma de mãozinha. Um cartaz do Primavera Sound.

A unidade da sala de estar é assegurada por um tapete berbere cor de areia com um fino motivo geométrico. Em ambos os lados, simetricamente, as paredes são interrompidas por portas duplas de madeira reaproveitada que apresenta ainda sarapintadelas de verniz verde pistacho. Estão fechadas, o que confere à divisão, longe de ser enorme, um ar confortável e íntimo, quase atafalhado. É uma sala para se conversar em voz baixa entre luzes atenuadas numa noite de inverno. Porém, na imagem seguinte, as quatro portas, escancaradas, revelam uma perspetiva alongada, que se acentua pela simetria das fiadas alinhadas do soalho.

A divisão à esquerda é um escritório para duas pessoas. Tem uma grande secretária folheada a branco com pernas de grampo, dividida em dois postos simétricos: cada um com um monitor externo, um teclado *wireless*, um candeeiro de pêndulo, um par de auscultadores com cores vistosas. Um deles tem uma cadeira de escritório dos anos 70, com o pé cromado de altura regulável e assento moldado, o outro uma cadeira ergonómica com apoio para os joelhos de madeira e tecido preto.

Uma das paredes está coberta de estantes com romances e *graphic novels*, sobretudo em inglês, intervalados por grandes volumes ilustrados — monografias sobre Noorda e Warhol, a série de Tufte sobre infografias, o Taschen sobre a história da tipografia e outro sobre os vestibulos de Milão. Em vez de cerra-livros, há pequenas suculentas em vasos de cimento, uma máquina fotográfica com visor vertical, uns quantos jogos de tabuleiro — *Scrabble*, *Risco*, *Os Descobridores de Catan*. A um canto, entreveem-se o *router* e uma impressora A3.

Uma única imagem mostra a casa de banho, apenas iluminada por uma seteira, mas brilhante por via de todas as superfícies refletoras. Uma grande hera suspensa envolve a janela a partir do varão do cortinado, realçando o verde resplandecente do chão de ladrilhos que também reveste a borda da banheira. Num pequeno móvel cilíndrico com portinholas corrediças distingue-se uma *skyline* de frascos e ampolas, diferentes apesar das etiquetas semelhantes, brancas ou rosadas ou cinzento-claras, com os nomes das marcas em caracteres sem serifas e com um corpo atenuado.

No extremo oposto da enfiada há um quarto. Um colchão de casal de dupla altura está assente numa estrutura de tatame. A cabeceira tem a escondê-la quatro almofadas cheias e o edredão está coberto com uma colcha antiga, única mancha cromática entre o linho cru das fronhas e da capa de edredão, o branco das paredes, o amarelo pálido do tatame. Há dois pontos de luz, finos cilindros metálicos dos quais brota uma lâmpada de filamento; dois cabides de pé simétricos junto de um baú de viagem; um colchão de ioga enrolado a um canto, ao lado dos alteres e da banda elástica. As imagens estão todas focadas e bem iluminadas, embora uma destas assoalhadas

se apresente às escuras, com as cortinas corridas, as paredes estriadas pelas manchas de luz alaranjada que se infiltram quando alguém acorda tarde, e o sol já vai alto, e talvez seja domingo, ou talvez não.

A vida prometida por estas imagens é limpa e concentrada, fácil.

Nessa vida, na primavera ou no verão, bebe-se café na varanda aproveitando o sol de nascente, passando os olhos pelos títulos do *New York Times* e pelas atualizações das redes sociais no ecrã de um *tablet*. Rega-se as plantas, como parte de uma rotina que inclui ioga e um pequeno-almoço enriquecido com vários tipos de sementes. Trabalha-se no portátil, claro, embora mais ao ritmo de um pintor do que ao de um funcionário: intercala-se um ímpeto de concentração intensa à secretária com um passeio, uma videochamada com um amigo que propõe um projeto, uma troca de tiradas nas redes sociais, um salto ao mercado biológico nas traseiras de casa. Os dias são longos — as horas de trabalho são, afinal, provavelmente mais do que as de um funcionário. Porém, ao contrário deste, as horas não são contadas, pois o trabalho desempenha nesta vida um papel importante, sem ser uma opressão ou uma chantagem. Pelo contrário: o trabalho é fonte de crescimento e estímulo criativo, ritmo de fundo para a melodia do prazer.

Porém, é também uma vida em que a alegria encontra um espaço evidenciado por milhares de pormenores. Aos longos dias segue-se uma hora de desconexão forçada para bebericar um aperitivo no bar ou folhear uma revista aninhado no sofá, desfrutando da tepidez que contrasta com o frio lá fora. A atenção à beleza e ao prazer parece dissolver-se no quotidiano como um granulado em suspensão.

É uma vida feliz, ou parece sê-lo pelas imagens que acompanham o anúncio a oferecer o apartamento para arrendamento de curta duração a cento e dezoito euros por dia; acrescidos da remuneração da empregada de limpeza ucraniana, paga através de um *site* de biscates francês com sede fiscal na Irlanda; mais a comissão da plataforma de arrendamentos turísticos com escritórios na Califórnia e sede fiscal na Holanda, e a do gestor de pagamentos digitais com escritórios em Seattle, mas com uma subsidiária europeia no Luxemburgo; mais a taxa turística da cidade de Berlim.

Anna e Tom, jovem casal de nómadas digitais, recém-chegados a Berlim, acreditam levar uma vida invejável: um trabalho criativo de que gostam, um apartamento cuidadosamente decorado com objetos de *design*, amigos interessantes, uma relação sexual aberta e serões que terminam na manhã seguinte. Tudo aquilo com que sonharam. No entanto, por detrás desta imagem de «perfeição» nasce uma insatisfação tão profunda quanto difícil de compreender. Os anos passam. O trabalho torna-se repetitivo, a vida social monótona. A cidade já nada tem de novo para lhes oferecer. Anna e Tom sentem-se presos e atormentados por encontrar algo mais real e genuíno. Resta-lhes perseguir noutro lugar esse sonho de autenticidade que lhes parece fugir.

Um dos romances mais aclamados da literatura italiana contemporânea, *As Perfeições* é o retrato magistral, fiel e desencantado de uma inteira geração, uma parábola das nossas vidas assediadas pelas imagens das redes sociais e da procura por uma autenticidade cada vez mais frágil e rara.

«Um novo mestre da literatura italiana.»
Frankfurter Allgemeine Zeitung

«Um pequeno livro perfeito.»
La Stampa

«A biografia de uma geração (...).
Uma espécie de natureza-morta das nossas existências.»
Rolling Stone



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.penguinlivros.com)

ISBN 9789897870255



9 789897 870255 >